



Ciencias Sociales y Religión / Ciências Sociais e Religião

ISSN: 1518-4463

ISSN: 1982-2650

Universidade Estadual de Campinas

Targino, Janine
ESTUDO DE CASO SOBRE COMUNIDADES TERAPÊUTICAS RELIGIOSAS
Ciencias Sociales y Religión / Ciências Sociais e
Religião, vol. 19, núm. 26, 2017, Setembro, pp. 75-92
Universidade Estadual de Campinas

DOI: <https://doi.org/10.22456/1982-2650.67193>

Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=717975889004>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais informações do artigo
- Site da revista em redalyc.org



Sistema de Informação Científica Redalyc

Rede de Revistas Científicas da América Latina e do Caribe, Espanha e Portugal

Sem fins lucrativos acadêmica projeto, desenvolvido no âmbito da iniciativa
acesso aberto

ESTUDO DE CASO SOBRE COMUNIDADES TERAPÊUTICAS RELIGIOSAS

Janine Targino

Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) - Brasil

Resumo

O presente artigo busca apresentar o trabalho realizado pelo Projeto Reconstruir, uma comunidade terapêutica vinculada à Comunidade Carismática Maranathá, e pelo Instituto Vida Renovada (IVR), comunidade terapêutica associada à Assembleia de Deus dos Últimos Dias (ADUD). Ambas as comunidades terapêuticas estão localizadas no estado do Rio de Janeiro e concentram suas atividades no atendimento de usuários de drogas em geral, sobretudo de drogas ilícitas. Diante disso, é possível apontar que existem motivações intrínsecas para que fileiras de indivíduos dependentes químicos busquem tratamento nas instituições em tela. Além disso, existem determinadas aproximações e afastamentos nos planos de ação que estas comunidades terapêuticas aplicam ao longo do tratamento oferecido aos usuários de drogas que buscam auxílio nas mesmas. Os dados aqui apresentados foram coletados entre os anos de 2011 e 2015 através de pesquisa de campo por observação e entrevistas realizadas com internos e membros das equipes técnicas das instituições estudadas.

Palavras-chave: Pentecostalismo, Renovação Carismática Católica, Dependência de Drogas, Tratamento da Dependência Química.

Abstract

This paper seeks to present the work of the Rebuild Project, a therapeutic community linked to the Community Charismatic Maranatha, and the Renewed Life Institute (IVR), therapeutic community associated with the Assembly of God of the Last Days (ADUD). Both therapeutic communities are located in the state of Rio de Janeiro and concentrate their activities in the care of drug users in general, particularly of illicit drugs. Therefore, it is possible to point out that there are intrinsic motivations for rows of chemically dependent individuals seek treatment at the screen in institutions. In addition, there are certain approaches and departures in the action plans that these therapeutic communities apply throughout the treatment offered to drug users seeking help in them. The data presented here were collected between the years 2011 and 2015 through observation by field research and interviews with internal and members of the technical staff of the institutions studied.

Keywords: Pentecostalism, Catholic Charismatic Renovation, Drug Addiction, Treatment of Chemical Dependency.

Introdução

O presente artigo surge como fruto direto de minha tese de doutorado, na qual apresentei a análise minuciosa sobre a atuação e os discursos elaborados pelos atores presentes no Instituto Vida Renovada (IVR), que possui sua sede instalada no município de São João de Meriti - RJ, e no Projeto Reconstruir, que concentra sua atuação em bairros localizados no município do Rio de Janeiro. Estas instituições atuam como comunidades terapêuticas oferecendo atendimento a dependentes químicos em geral, sejam eles usuários problemáticos de drogas lícitas ou ilícitas. Neste artigo, me dedicarei à apresentação de ambas as comunidades terapêuticas e à exposição dos motivos relatados pelos internos para a escolha do tratamento contra a dependência química em uma instituição religiosa. A análise e comparação dos projetos impetrados pelo IVR e pelo Projeto Reconstruir serão igualmente foco deste artigo. Os dados aqui apresentados foram coletados entre os anos de 2011 e 2015 através de pesquisa de campo por observação e entrevistas realizadas com internos e membros das equipes técnicas das instituições estudadas.

O IVR, primeira instituição escolhida para análise em minha pesquisa, possui perfil pentecostal e foi fundada pelo pastor Marcos Pereira em julho de 1999. O IVR trata-se de uma instituição sem fins lucrativos que oferece tratamento para dependentes químicos em geral e acolhimento para indivíduos que, após cumprirem pena no sistema penitenciário, não encontram apoio para restabelecerem suas vidas. Além da sede, o IVR possui mais uma unidade localizada no bairro de Tinguá, município de Nova Iguaçu - RJ. Esta instituição está vinculada à Igreja Assembleia de Deus dos Últimos Dias (ADUD), da qual o pastor Marcos Pereira é o atual presidente.

A segunda instituição religiosa escolhida é o Projeto Reconstruir, surgida no ano de 2001 em associação com a Comunidade Católica Maranathá. A escolha do Projeto Reconstruir como o segundo *locus* para a coleta de dados da pesquisa ocorreu pelo fato da mesma ter alcançado amplitude considerável no rol de instituições católicas que se dedicam aos cuidados de dependentes químicos em geral. O nascimento do Projeto Reconstruir fora obra dos esforços impetrados pelo Sr Martins, fundador da Comunidade Maranathá, e pelo Sr Alexandre Duque, a figura que idealizou o Projeto Reconstruir. Desde seu surgimento, esta instituição esteve orientada pelos preceitos da Renovação Carismática Católica (RCC) e possui por objetivo o atendimento de dependentes químicos que desejam se afastar do uso de drogas. O tratamento é oferecido em nove unidades espalhadas pelo estado do Rio de Janeiro, além de existir mais uma unidade localizada no município de Planaltina de Goiás, estado de Goiás. Pode-se dizer, a priori, que o Projeto Reconstruir constitui uma das maiores redes de perfil católico carismático dedicada ao tratamento de usuários de drogas no estado do Rio de Janeiro.

Ao todo, foram entrevistados doze internos (oito homens e quatro mulheres) no IVR e 10 internos (sete homens e três mulheres) no Projeto Reconstruir. No que tange às entrevistas com membros das equipes técnicas, temos quatro entrevistas realizadas no

IVR e cinco no Projeto Reconstruir. Associadas às entrevistas, também obtive extenso material através de observação em campo ao longo da pesquisa.

Com base nos dados coletados é possível apontar determinadas aproximações e afastamentos nos planos de ação que estas comunidades terapêuticas aplicam ao longo do tratamento oferecido aos usuários de drogas que buscam auxílio nas mesmas. Ainda, pode-se dizer que tais aproximações e afastamentos são construídos, respectivamente, sobre as similaridades e diferenças presentes entre os projetos pentecostal e carismático católico no tratamento da dependência química. Ao mesmo tempo, é possível constatar que os internos destas instituições apresentam motivações intrínsecas para a busca de tratamento contra a dependência química no âmbito de um contexto religioso.

A seguir apresentaremos a análise dos discursos dos internos e dos membros das equipes técnicas das instituições observadas a fim de encontrarmos os pontos de divergência e/ou convergência mais significativos para a construção de uma melhor apreensão a respeito do trabalho realizado pelo IVR e pelo Projeto Reconstruir. Igualmente, faremos uma exposição a respeito dos motivos que levam fileiras de dependentes químicos desejosos de recuperação a buscarem tratamento no IVR e no Projeto Reconstruir.

Apontamentos sobre o IVR e o Projeto Reconstruir

Tarefa complicada e que realmente me deixou confusa a princípio fora encontrar a classificação mais adequada para as instituições aqui observadas. Ao longo da pesquisa, optei em inúmeras ocasiões por tratar o IVR e o Projeto Reconstruir como *comunidades terapêuticas* ou como *casas de recuperação*, embora, muitas vezes, tenha sido assolada pela dúvida sobre as outras categorias possíveis para definir estes lugares. Entre outras definições viáveis, cogitei a de *comunidade religiosa*. No entanto, diante da análise dos dados obtidos, esta definição não me pareceu ser completamente suficiente em função do fato de que as pessoas que passam pelo internato do IVR e do Projeto Reconstruir não vivenciam esta experiência movidas apenas pela inspiração religiosa. Outros elementos que não são de cunho estritamente religioso, como a própria busca pela superação da dependência química, levam estes indivíduos ao confinamento no IVR e no Projeto Reconstruir. Além do mais, a afinidade com o grupo religioso surge, na maioria das vezes, após a chegada do indivíduo à instituição. Ou seja, a procura por uma experiência que seja religiosa em essência não parece ser o que necessariamente reúne estas pessoas nestas instituições.

A comparação entre o IVR, uma instituição com perfil pentecostal, e o Projeto Reconstruir, formado por casas de recuperação com orientação carismática católica, foi possibilitada pelos pontos de convergência que existem entre estes grupos religiosos. Classificado como um movimento de renovação dentro do Cristianismo, o Pentecostalismo enfatiza a experiência direta e pessoal com Deus através do batismo no Espírito Santo. De fato, o Pentecostalismo está teologicamente e historicamente

próximo à RCC e exerce forte influência sobre este movimento. O cristianismo carismático tem absorvido com bastante vigor os ensinamentos pentecostais sobre o batismo no Espírito Santo e os dons espirituais, o que permite a aproximação entre ambos os grupos religiosos e suas formas de lidar com questões específicas, como, por exemplo, a cura / controle da dependência química.

Tendo em vista a amplitude alcançada pelo problema da dependência química na atualidade, a atuação de instituições como o IVR e o Projeto Reconstruir colaboram no sentido de fazer com que a religião atinja a sociedade mais abrangente. O projeto de recuperação da dependência aplicado por estas instituições consequentemente as colocam dentro de uma rede global onde a dependência química surge como um efeito provocado pela expansão do narcotráfico e pelo acesso facilitado aos mais variados entorpecentes. A trama onde cresce o problema da dependência química é tão ampla que, ao agir segundo a intenção de recuperar dependentes químicos, o IVR e o Projeto Reconstruir acabam por se inserir em um panorama no qual o uso abusivo de drogas é apenas um entre tantos outros elementos que coexistem dentro da mesma realidade caótica. Desta forma, é possível dizer que o trabalho realizado pelas instituições em tela reverbera na sociedade como um todo, atingindo, de alguma forma, muito mais do que apenas os dependentes químicos que desejam se livrar do vício.

Tanto o IVR quanto o Projeto Reconstruir atuam vinculados a instituições religiosas que lhes oferecem bases ideológicas norteadoras para as atividades realizadas em cada um destes espaços. Em essência, os objetivos que ambas as instituições buscam concretizar mostram-se sobremaneira similares, visto que o tratamento de dependentes químicos por meio da disciplina religiosa constitui o fundamento primordial dentro dos interesses do IVR e do Projeto Reconstruir. Todavia, as particularidades inerentes aos aspectos religiosos revelam que, embora as intenções pareçam ser as mesmas, os caminhos e projetos seguidos nestas casas de recuperação não são idênticos.

Segundo os dados coletados ao longo da pesquisa de campo, é possível dizer que as diferentes posturas do IVR e do Projeto Reconstruir no que tange ao processo de tratamento do vício de drogas estão necessariamente ligadas ao prisma religioso através do qual cada uma destas instituições observa a dependência química. No Projeto Reconstruir percebe-se que toda a dinâmica do tratamento é atravessada pelo entendimento de que a dependência química trata-se de uma doença que deve ser enfrentada pelo indivíduo dia após dia, posto que não pode ser completamente curada. Por entender a dependência química como uma doença a ser controlada, a equipe técnica do Projeto Reconstruir pode se sentir completamente à vontade para fazer uso de recursos medicamentosos durante o tratamento de seus internos. Além disso, por acreditar que a dependência química trata-se de uma doença, a equipe técnica do Projeto Reconstruir não realiza nenhum tipo de busca ativa para encontrar dependentes químicos que precisem de tratamento. Nesta instituição, sustenta-se que o próprio indivíduo dependente químico é quem deve conscientizar-se antes de ser inserido no tratamento contra a dependência química. Afinal, tendo em vista que o processo de afastamento do uso de drogas é tido pelo Projeto Reconstruir como algo permanente, sem a autoconscientização do indivíduo sobre a necessidade de se comprometer

cotidianamente à filosofia do “só por hoje, não”, toda a cartilha desta instituição não encontraria meios para se realizar.

A percepção de que o próprio indivíduo deve decidir por pedir ajuda está associada a outras posturas adotadas pela instituição para conduzir o tratamento de seus internos. No Projeto Reconstruir o indivíduo que escolhe aderir ao tratamento contra o vício de drogas precisa se adaptar a uma rotina onde deverá participar diretamente de todo o funcionamento da instituição. Aqui, todos os internos recebem atribuições, que vão desde os cuidados com a limpeza do ambiente até a preparação dos alimentos servidos durante as refeições. Nenhum interno pode ser excluído da lista de funções designadas e, conseqüentemente, todos participam e cuidam, de alguma forma, da instituição que se transforma em lar durante o tratamento. Esta distribuição de funções entre os internos mostra-se marcada pela perspectiva de que todos ali presentes devem ser corresponsáveis pelo bom andamento do tratamento. Sob este ponto de vista, todos os elementos envolvidos no processo, ou seja, instituição e internos, devem literalmente trabalhar juntos para alcançar o objetivo almejado.

Sobre o tratamento em si, algumas particularidades chamam a atenção no Projeto Reconstruir. A adoção dos Doze Passos do Cristão¹, a participação em sessões de terapia em grupo e o atendimento psicológico individual compõem parte do rol de elementos que, juntos, formam o tratamento proposto por esta instituição. A religião “propriamente dita” surge no discurso aplicado pela equipe técnica e pelos líderes religiosos como um lugar onde os internos devem buscar perseverança e força para concluir o tratamento. Ou seja, na esfera de atuação do Projeto Reconstruir a religião figura como um mecanismo capaz de preservar no indivíduo em tratamento sua força de vontade para que não abandone aquilo que deseja, a saber, o afastamento das drogas. Entre todas as estratégias aplicadas por esta instituição na tentativa de recuperar dependentes químicos, a religião é uma entre todas as outras. Sob este enfoque, é impossível dizer se a religião constitui o elemento mais importante para o Projeto Reconstruir, posto que a íntegra do tratamento depende diretamente de todos os recursos utilizados pela equipe técnica e líderes religiosos.

Por outro lado, o IVR, representado por sua equipe técnica e seu líder religioso, constrói toda a trama de assistência e tratamento de dependentes químicos sobre bases fortemente identificadas com a cosmologia pentecostal. No âmbito de atuação desta instituição, existem singularidades que a distinguem claramente do Projeto Reconstruir. Dentro do IVR entende-se que a dependência química corresponde a um, entre tantos outros, malefícios provocados pela possessão demoníaca. Por observar a dependência química por este ângulo, o indivíduo que sofre com este problema é considerado uma vítima da atuação de forças malignas que o obrigam a agir de forma autodestrutiva. Conseqüentemente, por categorizar a dependência química desta maneira, a única saída possível indicada pela instituição no sentido de livrar o indivíduo dependente químico de seu vício de drogas é o processo de libertação total dos demônios. Somente após a concretização do processo de libertação, processo este marcado pela aceitação de Jesus Cristo como único salvador e conversão à ADUD, um indivíduo em tratamento no IVR pode ser considerado plenamente curado da dependência química.

A maneira pela qual a dependência química é observada dentro do IVR determina toda a série de procedimentos que podem ou não ser adotados nos cuidados dos internos. Aqui, o uso de recurso medicamentoso é algo absolutamente vetado, tendo em vista que a dependência química é tratada apenas como caso de possessão demoníaca. Uma vez que o processo de libertação espiritual independe do uso de qualquer medicamento, todos os efeitos associados ao uso ou à falta de drogas no organismo do dependente químico são abordados como consequências diretas da ação de forças maléficas. Da mesma forma, sob o entendimento compartilhado no IVR, as “recaídas” que os internos porventura possam ter voltando ao consumo de entorpecentes agregam a lista de questões provocadas pelo estado de possessão demoníaca apresentado pelo indivíduo.

A realização de busca ativa pelo IVR é outra singularidade que o diferencia do Projeto Reconstruir. Os “resgates”, tal como são chamados internamente, são promovidos com a intenção de “salvar” indivíduos dependentes químicos que vivem, sobretudo, nas áreas denominadas como cracolândias². Esta iniciativa está perfeitamente alinhada com a forma como a dependência química é entendida na esfera do IVR, posto que o dependente químico trata-se de um indivíduo possuído por forças do mal das quais precisa ser liberto. E, apesar dos indivíduos resgatados das áreas de cracolândias serem os que mais se evadem do IVR, esta instituição permanece firme em seu propósito de atuação.

No que diz respeito à organização das tarefas cotidianas dentro do IVR, existe uma diferença fundamental entre esta instituição e o Projeto Reconstruir. Existe no IVR uma determinação muito clara sobre a divisão de funções entre os internos. De fato, todas as responsabilidades que podem ser categorizadas como “domésticas”, tais como a limpeza diária e o funcionamento da cozinha, por exemplo, são atribuições da parcela feminina, enquanto os homens parecem sofrer com certo grau de ociosidade diante da ausência de atividades. O desequilíbrio entre a quantidade de funções exercidas pelas internas e a falta de atribuições designadas aos internos no IVR expõe, acredito, um problema estrutural do processo de tratamento em função da ausência de envolvimento do grupo masculino com as atividades diárias da instituição.

Tal problema referente à desequilibrada distribuição de atividades entre homens e mulheres, penso, está associada justamente ao fato de que o IVR, ao contrário das unidades do Projeto Reconstruir, funciona como uma unidade mista que recebe internos de ambos os sexos. Somado a isso, a doutrina religiosa que serve de referência para o funcionamento do IVR deixa muito evidente qual a real função da mulher dentro daquele grupo: cuidadora “nata” das obrigações domésticas e completamente submissa ao(s) homem(s). Tudo isso, acredito, colabora para que seja estruturado o panorama com o qual me deparei ao longo de minha pesquisa de campo nesta instituição.

Além disso, o problema representado pela carência de funções a serem exercidas pelos homens ganha mais nuances quando se sublinha a falta de investimento por parte da equipe técnica e lideranças religiosas do IVR em fomentar atividades que poderiam servir não apenas para ocupar o tempo dos internos, como também para estimulá-los na busca pela superação da dependência química. Como dissemos anteriormente, o Projeto

Reconstruir consegue estabelecer toda uma rotina de atividades (individuais e em grupo) com a intenção de manter os internos ocupados com o processo de recuperação da dependência química e com a formulação de novos projetos de vida a serem seguidos após a finalização do tratamento. Assim, quando comparamos o IVR e o Projeto Reconstruir, é possível notar que existe esta distinção extremamente importante no funcionamento de ambas as instituições que reverbera, sem dúvidas, no próprio perfil dos indivíduos que passam por elas na condição de interno.

Digo que a maneira tal como funcionam o IVR e o Projeto Reconstruir reflete no perfil de seus internos porque, como os dados coletados demonstram, cada uma destas instituições possui um tipo bem específico de interno. Deve-se ressaltar que a forma como se organiza o processo de internação de um indivíduo no IVR e a falta de planejamento para o seu retorno ao convívio social o transforma em um ser absolutamente dependente da instituição. Assim, se, por um lado, o IVR cria um ambiente propício ao surgimento de internos de longa permanência, o Projeto Reconstruir apresenta uma preocupação veemente com o limite cronológico de internação e com a reinserção do indivíduo na sociedade.

Outras particularidades dos perfis de indivíduos atendidos no IVR e no Projeto Reconstruir podem ser igualmente apontadas. Ainda que dependentes químicos das mais diversas drogas tenham sido encontrados em ambas as instituições, outras características singularizam os indivíduos atendidos pelas instituições em tela. Um bom exemplo disso é o grau de escolaridade, sempre maior entre os internos do Projeto Reconstruir, e o passado fortemente marcado pela participação em atividades criminosas, elemento mais evidente dentre os internos do IVR. Além do mais, os projetos de atuação do IVR e do Projeto Reconstruir diferenciam seus respectivos internos. Deve-se, neste ponto, sublinhar que o IVR não se trata de uma instituição voltada apenas para o atendimento de dependentes químicos, visto que também constitui um lugar onde egressos do sistema prisional e ex-traficantes de drogas buscam apoio. Desta forma, encontra-se no IVR um grupo muito mais diversificado de indivíduos do que aquele atendido pelo Projeto Reconstruir.

A respeito do uso proselitista do IVR e do Projeto Reconstruir pelos respectivos grupos religiosos aos quais estão vinculados, pode-se dizer que existem similaridades na forma como isso ocorre nas instituições observadas. De fato, tal como os dados coletados expõem, tanto o IVR estimula a conversão à ADUD, quanto o Projeto Reconstruir possui meios que incitam seus internos à conversão ao catolicismo carismático. Assim, se por um lado no IVR a conversão à ADUD é o ponto de partida para o início do tratamento, por outro a participação rotineira em práticas religiosas de cunho carismático leva os internos do Projeto Reconstruir a aderirem à vertente religiosa que serve de inspiração para esta instituição. Portanto, é possível considerar que ambos, o IVR e o Projeto Reconstruir, são utilizados como plataformas proselitistas para a ADUD e para o catolicismo carismático, respectivamente.

Deve-se sublinhar também que, diante dos relatos obtidos através das entrevistas realizadas com os internos do IVR, pôde-se apreender que no discurso corrente os processos de cura e conversão não estão dissociados. Nesta instituição, estar curado

significa, acima de tudo, estar convertido à ADUD, já que a cura da dependência química depende exclusivamente da efetiva conversão do indivíduo em tratamento. Por outro lado, no que diz respeito ao Projeto Reconstruir, fora identificado nos discursos dos internos a vinculação entre o processo de afastamento do uso de drogas e o processo de conversão. Visto que nesta instituição não existe a percepção de que a dependência química pode ser completamente curada, nas falas dos internos a preservação da atitude de afastamento das drogas aparece como algo que, entre outras coisas, depende da participação nas práticas religiosas promovidas pela Comunidade Maranathá.

Gostaria, ainda, de tratar de alguns temas que se revelaram indissolúveis e difíceis de lidar no decorrer da pesquisa de campo e da análise dos dados coletados. Entre as perguntas que ficaram em aberto estão as referentes ao real grau de dependência química manifesto pelos indivíduos atendidos pelo IVR e pelo Projeto Reconstruir. Foi possível perceber na retórica construída pelos internos entrevistados em ambas as instituições a indicação do momento que, segundo os entrevistados, teria sido o fundo do poço provocado pelo uso abusivo de drogas. Contudo, é difícil mensurar o quanto cada um destes entrevistados realmente chegou no “fundo do poço”, e qual a intensidade da dependência química manifestada pelos mesmos. Prova disso é a intrigante pouca ocorrência de casos em que os internos do IVR sofrem com os efeitos provocados pela abstinência da droga no organismo. Entre as possibilidades de se interpretar este fenômeno, pode-se considerar que, talvez, estes indivíduos não tenham realmente atingido o grau mais elevado de dependência química, visto que sob estas condições os efeitos da abstinência de entorpecentes seriam menos avassaladores. Afora isso, o fato de que o IVR também se destina ao recebimento de egressos do sistema prisional e ex-traficantes de drogas pode ser outro elemento que colabora para esta suposta ausência de sofrimento com a abstinência entre os indivíduos ali encontrados. Uma vez que a busca pela cura da dependência química não representa o único motivo pelo qual um indivíduo chega ao IVR, provavelmente a dependência química manifestada pelos que são atendidos por esta instituição pode ser menos elevada do que nos casos atendidos, por exemplo, pelo Projeto Reconstruir.

Mais uma pergunta que, pelo menos até o presente momento, fica sem resposta é o destino daqueles que saem do IVR e do Projeto Reconstruir após a finalização do tratamento. Ainda que os membros da equipe técnica do Projeto Reconstruir indiquem todo o esforço da instituição no sentido de reintegrar plenamente o interno ao convívio social e mantê-lo longe do consumo de substâncias entorpecentes, mensurar o quanto este projeto alcança êxito seria possível apenas com o acompanhamento de longo prazo daqueles que deixam a instituição quando terminam o tratamento. Por outro lado, a situação dos internos de longa permanência do IVR revela-se como uma barreira para estudos desta natureza.

Entre as questões difíceis de administrar e que acabaram praticamente ganhando vida própria ao longo da pesquisa de campo e análise dos dados esteve a intrigante personalidade de Marcos Pereira, fundador do IVR e líder da ADUD. Quando iniciei a pesquisa de campo, o pastor já havia alcançado grande visibilidade nos meios de comunicação e notoriedade em estudos acadêmicos. Por isso, desde o início soube que

precisaria encontrar um lugar adequado para este personagem dentro das minhas observações. Não obstante, tudo isto pareceu fugir ao meu controle quando o pastor fora acusado de uma série de estupros e envolvimento com o tráfico de drogas. Estas acusações levaram à prisão do pastor e à finalização forçada de minha pesquisa de campo no IVR. Particularmente, foi incrível acompanhar todo este processo de auge do IVR, onde a instituição possuía certa credibilidade e podia contar com o recebimento de verbas provenientes de diversos convênios estabelecidos com o poder público, e a posterior decadência financeira e moral provocada pelas acusações e condenação sofridas por Marcos Pereira.

Dos motivos para a busca de tratamento em comunidades terapêuticas religiosas

Dentre as razões pelas quais os internos do IVR e do Projeto Reconstruir buscam tratamento para o vício de drogas existe um fator comum que é o relato de alguma experiência limite na qual, muitas vezes, a vida esteve por um fio. Esta experiência limite, via de regra, provoca choques traumáticos que levam os indivíduos a optarem por mudar de vida enquanto há tempo para isso. A ocorrência desta experiência limite está intrinsecamente associada à vida levada com o uso de drogas.

No grupo de internos do IVR a experiência limite que leva estes indivíduos ao tratamento contra a dependência química frequentemente é relatada como algum acontecimento que envolve as implicações legais do consumo e tráfico de drogas ilícitas. A necessidade de fugir de traficantes, seja por causa de alguma dívida gerada pela compra de drogas ou em função de disputas territoriais envolvendo traficantes de facções rivais, constitui ponto comum nos relatos dos entrevistados. Fugir de alguma investida policial também surgiu como um fator motivador para o abandono da vida criminosa e do vício de drogas.

Assim sendo, dentre os entrevistados internos do IVR, é possível perceber que o elemento principal que fundamenta a decisão pelo tratamento contra a dependência química não está necessariamente vinculado ao medo da morte provocada pelos efeitos naturais e avassaladores que o uso abusivo de substâncias entorpecentes pode causar. De fato, o medo de morrer pelas mãos de traficantes ou da polícia é o que torna a continuação no vício de drogas algo absolutamente indesejável e até mesmo insustentável. O excesso de consumo de drogas não parece tão ameaçador à vida quanto a ação violenta de outros atores envolvidos na trama de consumo e venda de substâncias entorpecentes.

Por outro lado, entre os relatos dos internos do Projeto Reconstruir, a situação limite que os leva a buscar tratamento não está necessariamente vinculada ao medo de sofrer algum tipo de atentado por parte de traficantes ou da polícia, mas sim ao estado físico e psicológico absolutamente lamentáveis que o uso abusivo de drogas provoca³. Além disso, a perda do controle sobre os próprios atos surge como um estopim para a

tomada de consciência sobre a necessidade de iniciar um tratamento contra o vício de drogas. Perder o controle sobre os próprios atos consequentemente impulsiona o indivíduo a cometer exageros que, na maioria das vezes, são realizados de forma inconsciente. Neste momento, a atuação de amigos e familiares é fundamental, posto que são estas pessoas que alertam o indivíduo para os exageros por ele cometidos sob o efeito das drogas.

É importante sublinhar que a autoconscientização sobre a necessidade de iniciar um tratamento contra a dependência química não é algo que se realiza de uma hora para outra. Na verdade, este processo pode ser permeado por uma série de experiências traumáticas que se sucedem ao longo do tempo, levando todo o processo a demorar meses, ou até mesmo anos.

Dentre as demais situações limite que os entrevistados de ambas as instituições relataram está a perda de colegas, também dependentes químicos, assassinados. Este tipo de evento apareceu como algo bastante comum entre os relatos coletados, sobretudo no IVR. Pelo prisma dos entrevistados, acontecimentos desta natureza foram úteis no sentido de os conscientizarem sobre os altos riscos que frequentemente atravessam a vida dos dependentes químicos.

Eventos como crises familiares, separações conjugais, alucinações provocadas pelo uso abusivo de entorpecentes e o medo da loucura foram elementos presentes nos discursos dos entrevistados internos do Projeto Reconstruir e indica um padrão diferenciado de situações limite experienciadas por estes indivíduos se comparados aos internos do IVR. Contudo, é importante deixar claro que as situações-limite aqui apontadas como propulsoras na busca por tratamento contra as drogas geralmente não ocorrem isoladamente na vida dos indivíduos. A ocorrência de várias destas situações limite simultaneamente ou em sequência é o que verdadeiramente estimula o dependente químico a procurar ajuda.

Após a conscientização sobre a necessidade de pedir ajuda, o próximo passo é descobrir como consegui-la. Nesta etapa do processo, segundo os relatos dos entrevistados, acionar as pessoas mais próximas, como amigos e familiares, constitui a ação principal básica. É no momento em que os familiares e amigos são acionados que se revelam as possibilidades de tratamento e, seguindo a trajetória cronológica dos entrevistados até suas respectivas casas de recuperação, também é nesta ocasião que muitos deles tomam conhecimento das instituições onde decidiram se internar.

O papel exercido por familiares e amigos muitas vezes ganha nuances proselitistas, tendo em vista que a adesão religiosa dos mesmos parece ser crucial para o tipo de indicação que oferecem aos dependentes químicos. Além de indicarem as instituições aqui observadas, estas pessoas também atuam no sentido de fortalecer suas indicações através do relato de casos de terceiros que teriam obtido resultados positivos após passarem pelo tratamento indicado. Dessa forma, a eficácia do tratamento relatada para o caso de outras pessoas torna-se um dos componentes que levam os indivíduos dependentes químicos a conferirem credibilidade à proposta indicada.

Além disso, existem também os amigos que anteriormente foram “companheiros de drogas” e que, após terem aderido ao tratamento em uma das duas instituições aqui

observadas, também serviram de exemplo para atrair outros indivíduos dependentes químicos para o tratamento. Especificamente entre os internos do IVR⁴, o fator “amigo em tratamento” ou “amigo que já esteve em tratamento” surgiu como um dos grandes atrativos exercidos pela instituição sobre os indivíduos que ali decidiram se internar. Esta dinâmica não se aplica apenas no que diz respeito às antigas redes de amigos usuários de drogas, uma vez que igualmente funciona quando observamos separadamente os indivíduos internos do IVR que não estão lá (apenas) pelo vício de drogas. Indivíduos que atuaram juntos no tráfico de drogas ou que estiveram juntos no sistema prisional também podem influenciar uns aos outros a ingressarem no IVR.

Atribuir credibilidade ao tratamento é, sem dúvidas, uma das principais chaves para que o indivíduo inicie realmente o processo pelo qual acredita que se libertará do vício de drogas. Especificamente entre os entrevistados internos do IVR, a mídia religiosa pode ser vista como um dos fatores que ajudam na construção da credibilidade essencial para o início do tratamento. Esteve presente nos relatos destes entrevistados o apontamento sobre a influência exercida pelas histórias de superação contadas por outras pessoas, seja na mídia televisiva ou na mídia radiofônica.

Ainda no que tange aos dados coletados através das entrevistas, é possível observar que a atribuição de credibilidade ao tratamento oferecido pelo IVR ou pelo Projeto Reconstruir não depende apenas das indicações feitas por amigos e familiares ou dos relatos de sucesso de outras pessoas que passaram pela mesma modalidade de tratamento. Tal credibilidade atribuída também passa, inevitavelmente, pelo histórico religioso e pelas referências religiosas do indivíduo. Segundo os relatos de alguns dos entrevistados, as experiências religiosas anteriores como, por exemplo, a religião em que foi criado e o histórico religioso da família são fatores que atuam decisivamente na escolha dos indivíduos por um tratamento contra as drogas com determinado perfil religioso. De fato, procurar ajuda em um ambiente religioso já conhecido pelo indivíduo foi um fenômeno bastante recorrente nas entrevistas dos internos do IVR. Inclusive, alguns entrevistados relataram que foram seguidores de igrejas evangélicas durante a infância e a adolescência, e que a adesão religiosa teria sido incentivada pelos pais ou outros familiares também evangélicos.

Já no caso dos entrevistados no Projeto Reconstruir, o fator “religião de criação” não pareceu ser muito forte no sentido da experiência efetiva da prática religiosa, tendo em vista que metade dos entrevistados disseram que foram criados em famílias católicas, porém, não praticantes. Contudo, o receio em trocar de religião e a convicção de que qualquer outra religião não seria capaz de atender as expectativas do indivíduo naquele momento fazem com que o mesmo permaneça com suas referências religiosas católicas e se oriente por elas no momento de escolher uma instituição para o tratamento contra o vício de drogas.

Por outro lado, quando interrogados sobre a religião que seguem atualmente, todos os entrevistados apresentaram respostas que revelam a influência exercida pela instituição na qual passam pelo tratamento. Assim como todos os internos entrevistados no IVR foram categóricos ao se definirem como evangélicos seguidores da ADUD, os internos entrevistados no Projeto Reconstruir também foram incisivos ao se

autodeclararem católicos praticantes. A influência da instituição na definição da religião seguida atualmente por seus internos fica ainda mais clara quando se constata o fato de que mesmo os internos do IVR que não tiveram a religiosidade evangélica como referência em suas famílias de criação se definem no presente como evangélicos. O mesmo se repete entre os internos entrevistados no Projeto Reconstruir, visto que todos eles se auto declararam católicos praticantes mesmo nos casos em que a influência direta da família de criação não apontasse para isso.

Uma exceção curiosa foi observada entre as entrevistas realizadas no Projeto Reconstruir, na qual um dos entrevistados que se autodefinia como católico praticante expressou em sua entrevista a vontade de frequentar uma igreja evangélica concomitantemente à participação nas atividades propostas pelo Projeto Reconstruir / Comunidade Maranathá para os internos que finalizam o tratamento. Por se tratar de apenas um caso isolado, não é possível a consideração do mesmo como uma nova tendência. O contraste que o mesmo apresenta quando comparado com os demais relatos obtidos revela o quanto este entrevistado possui uma trajetória religiosa com características muito específicas.

Uma questão de suma importância deve ser levantada para que a observação sobre os motivos que levam estes indivíduos ao tratamento religioso seja feita de forma mais adequada: por que estes indivíduos procuram tratamentos de perfil religioso e não um tratamento médico / medicamentoso tradicional? A chegada até o lugar onde será realizado o tratamento é vivenciada de formas distintas, de acordo com a instituição. Como fora dito anteriormente, a indicação feita por amigos e familiares surge como um elemento fundamental nos discursos dos internos para justificar a escolha pelo IVR ou pelo Projeto Reconstruir. Contudo, um dos pontos de fundamental importância a serem aqui discutidos é o motivo atribuído por estes indivíduos para que os mesmos escolham a modalidade de tratamento religioso enquanto existem outras modalidades de tratamento disponíveis.

Esta questão é sumamente interessante, sobretudo quando sublinhamos o fato de que vários destes indivíduos internos nas instituições analisadas não possuíam um histórico de adesão a alguma instituição religiosa antes de aderir ao tratamento no IVR ou no Projeto Reconstruir. E, mesmo nos casos em que o indivíduo apresenta uma trajetória de vida marcada pela adesão religiosa, isso não pode ser visto como um elemento que diretamente o impulsionaria para o tratamento religioso contra as drogas. Devem existir e atuar simultaneamente outros fatores que associados influenciam a escolha do dependente químico pela modalidade religiosa de tratamento contra a dependência química.

Assim, apreender os motivos que movem estes indivíduos na busca de atendimento de caráter religioso é indispensável para esta pesquisa. E, antes de tudo, deve-se sinalizar que os motivos que levam os dependentes químicos a buscarem atendimento no IVR ou no Projeto Reconstruir são distintos, segundo a instituição que escolhem.

A priori, um dado extremamente relevante a ser considerado é o de que tanto no grupo de internos do IVR quanto entre os internos do Projeto Reconstruir o afastamento

do tratamento médico convencional contra as drogas surge como algo que atravessa os discursos dos indivíduos. Nos discursos dos internos entrevistados foi possível perceber que os mesmos percebem o uso de drogas não apenas como um problema da esfera física ou orgânica, mas também como uma questão que deve ser tratada nos âmbitos emocional e espiritual. Por expressarem este ponto de vista, torna-se possível apreender porque estes indivíduos não procuram atendimento em clínicas médicas tradicionais. Para sanar uma questão que é, ao mesmo tempo, física, emocional e espiritual, seria necessário aderir a um tipo de tratamento que contemple todos estes aspectos. Neste sentido, o IVR e o Projeto Reconstruir atendem as expectativas de seus internos que, além de recuperar o corpo, desejam recuperar a alma.

A cura pela fé é o que realmente possui valor para estes indivíduos, uma vez que esta cura contemplaria todas as faces do problema da dependência química. Em síntese, a possibilidade de tratar do corpo e da alma concomitantemente é o diferencial do tratamento oferecido pelas instituições que trabalham com o modelo religioso para a recuperação da dependência química.

Enquanto o tratamento médico tradicional oferece suporte apenas no que tange aos malefícios orgânicos do uso abusivo de drogas, a modalidade religiosa de tratamento da dependência química insurge como um atendimento mais completo que concede ao indivíduo uma forma de buscar resolução para questões que não sejam intrinsecamente orgânicas, como as sentimentais e espirituais, por exemplo. É mister considerar que o uso abusivo de drogas em médio e longo prazo provoca uma série de questões emocionais que podem não ser contempladas da maneira desejada pelos indivíduos em um tratamento médico tradicional. Da mesma forma, questões identificadas pelos indivíduos como sendo de ordem espiritual geralmente não são consideradas como elementos pertinentes a serem observados em um tratamento médico convencional. Por isso, de acordo com Sanchez (2006) a modalidade religiosa de tratamento da dependência química possui

Vantagem fundamental frente ao tratamento médico. A crise surge, o médico poderia auxiliá-los fisicamente a deixar de consumir as drogas, mas jamais seria capaz de interceder junto a Deus por suas almas, não podendo contribuir com a conquista de um lugar no céu, ao lado de Jesus, por toda a eternidade (...). Além disso, na crise tornam-se desejosos de garantir um futuro confortável visto que percebem o quão desgastante e sofrido tem sido o presente (SANCHEZ, 2006: 257).

O interessante nos discursos dos entrevistados é observar a retórica atravessada pela preocupação em conseguir o perdão de Deus pelos erros cometidos durante o período em que se fez o uso abusivo de drogas. Um dado fundamental que surgiu ao longo da pesquisa é que estes indivíduos entrevistados nunca declararam ter sido, em algum momento de suas vidas, ateus ou agnósticos. Mesmo nos casos em que não havia histórico de adesão religiosa, estes indivíduos relataram que sempre acreditaram em uma força superior, que sempre acreditaram em Deus.

Outro fator que talvez tenha menos força, mas não deixa de estar presente, como um dos motivadores para a escolha de uma instituição religiosa como o IVR ou o Projeto Reconstruir é o caráter filantrópico do atendimento oferecido. Sabe-se que o atendimento de clínicas médicas especializadas no atendimento de dependentes químicos é inviável em termos financeiros para indivíduos oriundos das camadas mais baixas da sociedade. Uma vez que o conjunto dos internos atendidos pelo IVR e pelo Projeto Reconstruir é basicamente formado por indivíduos de camadas populares, é compreensível que os mesmos busquem atendimento em instituições filantrópicas se afastando ainda mais de outras modalidades de tratamento que exigem alto investimento financeiro⁵.

Da mesma forma, foi comum encontrar entre os entrevistados indivíduos que já haviam buscado atendimento em outras instituições de caráter religioso⁶. Segundo os entrevistados, a migração de uma instituição religiosa para outra se deve, sobretudo, à busca por um lugar em que o indivíduo possa se adaptar melhor e se sentir mais confortável com o tratamento.

No conjunto de entrevistados foram observados casos de internos do IVR que já haviam iniciado tratamento em instituições de caráter católico, tal como foram encontrados indivíduos internos do Projeto Reconstruir que já estiveram em tratamento em instituições de perfil evangélico. Além disso, como fora exposto acima, todos os internos entrevistados demonstraram falta de interesse em buscar tratamentos médicos convencionais para a dependência química.

Um dado importante que surgiu das entrevistas com os internos de ambas as instituições analisadas é que nenhum dos indivíduos ouvidos atribui credibilidade ao tratamento proposto por instituições de perfil religioso diferente daquele mantido pela instituição onde realizam tratamento. No caso dos internos entrevistados no IVR, mesmo os que já passaram por tratamento em instituições católicas disseram que não acreditavam na cura do vício de drogas se não fosse através da religião evangélica. Igualmente, os internos entrevistados no Projeto Reconstruir relataram a completa descrença na superação da dependência química por intermédio de uma instituição evangélica ou de uma instituição de outra natureza.

Observar este aspecto dos relatos dos internos entrevistados acrescenta à análise um elemento muito interessante que parece estar intimamente vinculado à adesão religiosa que os internos das instituições analisadas desenvolvem ao longo do tratamento. Conferir tamanha credibilidade ao tratamento proposto pela comunidade terapêutica religiosa não seria possível sem que o indivíduo, ao mesmo tempo, manifestasse adesão ao credo da instituição. Provavelmente por causa disso, indivíduos que não aderem ao credo institucional encontram muitas dificuldades para prosseguir com o tratamento e, via de regra, abandonam o processo de recuperação da dependência química antes mesmo de alcançarem os primeiros resultados positivos.

Diante da discussão aqui proposta, o conceito de *capital de recuperação* torna-se indispensável para construirmos um panorama mais adequado de observação sobre os motivos que levam os indivíduos entrevistados a buscarem tratamento no IVR ou no Projeto Reconstruir. Este conceito faz referência aos recursos financeiros, sociais e

pessoais que um determinado indivíduo possui à sua disposição para dar início e concluir o processo de recuperação da dependência química (LAUDET *apud* BARRADAS 2008). Do mesmo modo, neste conceito cabe também o apoio que o indivíduo pode conseguir através de suas práticas de espiritualidade e / ou religiosidade (BARRADAS, 2008).

De acordo com Barradas (2008), o capital de recuperação potencializado pela espiritualidade / religiosidade confere ao indivíduo maiores possibilidades de fazê-lo passar sem grandes transtornos pela fase inicial do tratamento contra a dependência química. E, de fato, este aspecto do capital de recuperação possui extrema valia, tendo em mente que a fase inicial do tratamento contra a dependência química costuma ser a mais difícil de ser superada pelos dependentes químicos em tratamento, o que geralmente leva estes indivíduos a abandonarem o processo de recuperação do vício.

Em sua pesquisa, Laudet (*Apud* BARRADAS, 2008), conclui que os indivíduos em tratamento contra a dependência química que encontram apoio familiar e social, além de motivação na espiritualidade / religiosidade, relatam que se sentem mais fortes para superar as dificuldades inerentes ao processo de abandono do vício de drogas. Inclusive, é importante destacar que o indivíduo dependente químico que apresenta seu capital de recuperação atravessado por experiências de espiritualidade e / ou religiosidade possui maiores chances (se comparado a outro indivíduo sem os mesmos recursos) de tomar a decisão que o levará ao tratamento contra o consumo de drogas (BARRADAS, 2008).

Por outro lado, ter a possibilidade de ocupar um posto de trabalho depois do tratamento e ter a possibilidade de usufruir da ajuda concedida por uma rede de apoio social são condições igualmente apontadas como fundamentais para que o indivíduo possa manter seu status de *recuperado* após a conclusão do tratamento realizado. Da mesma forma, situações de estresse nas quais o indivíduo se sinta incapaz de fazer algo para contornar as circunstâncias podem agir no sentido de destruir todos os resultados positivos alcançados durante o tratamento.

Para além da discussão sobre a efetiva recuperação dos indivíduos entrevistados, posto que este debate não faça parte dos objetivos deste artigo, pode-se usar o conceito de capital de recuperação para agregar mais um ângulo de observação sobre a adesão de determinada parcela de dependentes químicos ao tratamento religioso aqui analisado. É possível considerarmos que a busca pelo incremento deste capital está no rol de expectativas daqueles que optam pelos cuidados oferecidos pelo IVR e pelo Projeto Reconstruir. Tendo em vista que o indivíduo que adentra estas instituições obtém maiores possibilidades de participar da rede de apoio mútuo construída pelos demais internos, o fortalecimento do capital de recuperação acaba por surgir como uma consequência benéfica da convivência entre pares. Uma vez que a busca pela cura / afastamento da dependência química constitui um objetivo comum entre os indivíduos internados no IVR e no Projeto Reconstruir, pode-se admitir que a ajuda conferida pela força do grupo acrescenta valor ao capital de recuperação daqueles indivíduos que estão envolvidos no processo.

Da mesma forma, segundo Barradas (2008) sugere, o capital de recuperação conferido pela espiritualidade / religiosidade torna o indivíduo capaz de atravessar sem maiores danos a pior fase do tratamento contra a dependência química, a saber, os primeiros dias de tratamento. Embora o índice de evasão seja considerável tanto no IVR quanto no Projeto Reconstruir, é necessário destacar que os indivíduos que conseguem permanecer na instituição após superarem as dificuldades inerentes aos primeiros dias de tratamento⁷ indicam com ênfase em seus relatos que não o teriam conseguido sem a ajuda da religião e do apoio obtido no seio do grupo.

Os dados coletados através das entrevistas com os internos e membros das equipes técnicas ajudam a entender como o capital de recuperação atua de formas diferentes no IVR e no Projeto Reconstruir na primeira fase do tratamento. No caso específico do IVR todos os processos desagradáveis vinculados aos primeiros dias de tratamento e tipicamente classificados como produtos da abstinência, como náuseas, vômitos, dores de cabeça e no corpo, são imediatamente identificados como frutos de uma ação demoníaca. E, justamente por serem apontados como fatores relacionados à atuação das forças do mal, a única possibilidade de se superá-los é a adesão à religião pelo indivíduo que passa pelo processo. A busca pela libertação e aceitação de Jesus Cristo como seu único salvador é o caminho exclusivo pelo qual o indivíduo em tratamento no IVR deve passar para superar todos os males associados à abstinência característica do início do tratamento contra a dependência química. É importante ressaltar que a equipe técnica do IVR não admite como estratégia de tratamento o uso de recursos medicamentosos para auxiliar no tratamento da dependência química dos indivíduos em internação. Assim sendo, o capital de recuperação propiciado pelo IVR está pautado na forte adesão religiosa do indivíduo.

Já no caso do Projeto Reconstruir, outros aspectos são contemplados. Em primeiro lugar, a equipe técnica desta instituição não possui restrições de qualquer ordem para o uso de recursos medicamentosos nos cuidados dos internos. Como efeito do entendimento de que a dependência química trata-se de uma doença (a “doença da adicção”), consequentemente o uso de paliativos farmacológicos não encontra barreiras para seu uso. Desta maneira, na primeira e mais crítica fase do tratamento, o indivíduo em internação no Projeto Reconstruir encontra o respaldo medicamentoso para superar este período e conseguir permanecer na instituição até a conclusão do tratamento.

Em segundo lugar, além de entender a dependência química como uma forma de doença, o Projeto Reconstruir estrutura o tratamento sobre a percepção de que a busca pelo afastamento da dependência química é uma luta diária, posto que a cura completa desta doença não seria alcançável. E, neste enfrentamento cotidiano contra o desejo de usar drogas, a participação nas atividades religiosas assume o papel de elemento indispensável para o indivíduo em tratamento nesta instituição.

Nota-se então que, por diferentes caminhos, o IVR e o Projeto Reconstruir atuam no sentido de fortalecer o capital de recuperação daqueles que optam pelo tratamento contra a dependência química nestas instituições. E, considerando que o capital de recuperação exerce um papel fundamental no tratamento contra a dependência química, as motivações dos indivíduos que procuram pelos cuidados

oferecidos pelo IVR e pelo Projeto Reconstruir parecem estar associadas à expectativa de encontrar todos aqueles elementos que compõem o capital de recuperação inerente ao suporte oferecido no âmbito do tratamento religioso contra as drogas.

Considerações finais

Como pudemos demonstrar, existem particularidades que caracterizam o trabalho realizado pelo IVR e pelo Projeto Reconstruir. Ao mesmo tempo, percebe-se que existem aproximações e afastamentos entre os planos de ação implementados por ambas as instituições em tela. As motivações que levam fileiras de dependentes químicos até o IVR e o Projeto Reconstruir revelam-se de suma importância para melhor apreendermos a maneira como o trabalho destas unidades terapêuticas se estrutura, posto que as expectativas dos internos quanto ao tratamento expõem dados fundamentais para a pesquisa.

Por fim, ponto importante e que merece ser destacado é o fato de que esta pesquisa não esteve comprometida em constatar se, realmente, o tratamento proposto pelo IVR e pelo Projeto Reconstruir consegue recuperar inteiramente indivíduos dependentes químicos do vício de drogas. O verdadeiro interesse de toda a análise aqui exposta foi trazer à tona os discursos daqueles que estão internados e daqueles que atuam como profissionais nestas instituições.

Acrescento que, diante de tudo que foi apreendido ao longo da pesquisa de campo, acredito que seja sobremaneira difícil para um pesquisador alcançar a constatação sobre a real intensidade da influência da religião no tratamento contra a dependência química. Como tentei demonstrar, existe uma série de fatores que formam a trama daquilo que amplamente é classificado como “tratamento religioso”, embora a observação mais detalhada tenha revelado que a religião seja um entre tantos elementos envolvidos na totalidade do processo.

Referências Bibliográficas

BARRADAS, A. M. P. *Factores influentes na permanência do toxicodependentes em programas terapêuticos do Desafio Jovem: um estudo de caso*. 2008. Dissertação (mestrado em Psicologia) – Núcleo de Psicoterapia Cognitivo-Comportamental e Integrativa, Universidade de Lisboa, Lisboa, 2008.

SANCHEZ, Z. V. D. M. *As práticas religiosas atuando na recuperação de dependentes de drogas: a experiência de grupos católicos, evangélicos e espíritas*. 2006. Tese (Doutorado em Psicobiologia) - Escola Paulista de Medicina, Universidade Federal de São Paulo, São Paulo, 2006.

Notas

¹ Os Doze Passos do Cristão constituem uma adaptação muito sutil dos Doze Passos utilizados pelos Alcoólicos Anônimos e pelos Narcóticos Anônimos.

² O termo “cracolândia” é derivado de “crack”, um tipo de droga composta por cocaína e bicarbonato de sódio. O lugar designado como cracolândia seria o local onde os dependentes desta droga se reúnem para utilizar, trocar e comercializar o crack.

³ Entre os entrevistados no Projeto Reconstruir, apenas um indivíduo relatou que o medo da morte violenta causada por traficantes ou policiais esteve entre os motivos para a busca de tratamento contra a dependência química.

⁴ O fator “amigo em tratamento” ou “amigo que esteve em tratamento” não foi identificado nas entrevistas realizadas com os internos do Projeto Reconstruir.

⁵ O Projeto Reconstruir solicita aos seus internos uma colaboração mensal de R\$ 100 como uma forma de arrecadar fundos para manter a instituição em pleno funcionamento. No entanto, estas colaborações raramente são feitas, já que, segundo o Sr Alexandre Duque, os internos partem do princípio de que a instituição oferece tratamento gratuito e, por isso, os mesmos não seriam “obrigados” a ajudar na manutenção da comunidade terapêutica. Já o IVR deixa em aberto a possibilidade dos internos colaborarem com qualquer valor em dinheiro que puderem. Todavia, tal como ocorre no Projeto Reconstruir, as doações são muito pouco frequentes.

⁶ Dentre os casos de indivíduos internos do Projeto Reconstruir que já haviam buscado atendimento em outras instituições religiosas, destaco o caso curioso de alguns internos que foram apontados pela equipe técnica do Projeto Reconstruir como ex-internos do IVR. Estes internos não foram entrevistados e, por isso, não é possível apreender quais teriam sido os motivos que os levaram a migrar do IVR para o Projeto Reconstruir. Talvez, um dos motivos esteja relacionado ao processo de decadência pelo qual o IVR passou após a prisão e condenação de Marcos Pereira.

⁷ Na esfera dos tratamentos voltados para a dependência química, há o entendimento de que os primeiros dias de tratamento de um indivíduo dependente químico são os mais problemáticos. Isto ocorre, sobretudo, em função dos efeitos físicos extremamente desagradáveis provocados pela ausência da droga (abstinência) e pela dificuldade em se adaptar a uma nova rotina que não mais contempla o uso de entorpecentes.